

Amanda



Trabalho há **19 anos** na PGE, dentre os quais: **2 como estagiária, 4 como extraquadro e 13 como Analista Processual**, atualmente lotada na **Procuradoria de Métodos Adequados de Solução de Controvérsias e Direitos Humanos (PG-19)**.

Tenho 2 filhas, **Gabriela**, de 23 anos e **Laura**, de 8.

Falar de si não é nada fácil. Como dizem os amigos próximos, minha vida daria um livro. **Mas qual história de vida de uma mulher negra não daria?**

Não quero aqui contar histórias de luta e superação; essas, reservo à minha intimidade e partilho com os amigos mais próximos. Quero falar sobre mim, sobre **sonhos**, sobre **possibilidades**, sobre **encontros**.

Eu sou da terra de Rubens Braga, Roberto Carlos, Luz del Fuego e Amanda Carolino: Cachoeiro de Itapemirim, cidade do interior do Espírito Santo, onde nasci e fiquei até meus 18 anos, quando vim para o Rio de Janeiro estudar Direito na UFRJ.

Eu costumo dizer que nunca coube no estilo de vida pacata do interior, embora comigo nada seja pacato. Uma **dose de inquietação e ousadia** sempre temperou meus passos para construir o meu destino. Sou canceriana torta, objetiva, destemida, inquieta, um tanto quanto impulsiva, um verdadeiro furacão. Mas também sou sensível, chorosa, de sorriso largo, amorosa e um pouco sabotadora de mim mesma.

Sou movida por desafios.

Como fruto da minha inquietação, um tanto associada ao **corre da mulher negra**, já dei aula de matemática para vestibular; de português e redação; dei aulas de piano (fiz piano por 7 anos); já fui decoradora de eventos (depois que decorei meu próprio casamento em Búzios); vendi doces para festas (faço brigadeiros ótimos); fui vendedora de roupas infantis, trabalhei como operadora de som em peça teatral; fui cobaia de lançamento de produtos no mercado; jogadora de handball; **fui mãe aos 21 anos**.

21 ANOS: 2º ano da faculdade, o início de uma vida na cidade cuja avenida principal é tão larga que, quando criança, eu ficava encantada ao ver tanto movimento junto. A Avenida Brasil para mim sempre foi o símbolo de grandeza

do Rio de Janeiro, 4 vias, muitas pistas de cada lado, velocidade alta, inúmeros carros, casas às margens, interminável. Quando eu era criança, vinha, todo fim de ano, passar uns dias na casa dos meus primos em Marechal Hermes, e eu sabia que havia chegado ao Rio quando o carro passava pela Avenida Brasil. Me lembro de passar toda a viagem perguntado à minha mãe: “tá chegando?” E só parar a importunação quando atravessava a Avenida Brasil.

Em Marechal Hermes, a diversão era ir ao shopping Madureira com minhas primas para subir e descer escadas rolantes (na minha cidade não existia) e eu ficava admirada com a possibilidade de ser subida, e descida, por uma máquina.

Para mim, o avanço certamente estava na cidade grande! Cachoeiro não tinha cinema, não tinha nem shopping. A atração mais badalada, que chegou a ser matéria do Jornal Nacional um dia, foi a máquina de chover que o prefeito fez no centro da cidade. O verdadeiro Odorico Paraguaçu! A ideia era refrescar a cidade mais quente que já vi, mas claro que era tão esdrúxula que não deu certo e a máquina foi retirada de lá.

Eu cresci soltando pipa (minha pipa do Flamengo que meu irmão fez para mim), descendo a ladeira com carrinho de rolimã, ralando o joelho e chorando com o *merthiolate* que ardia, roubando fruta no quintal do vizinho, tocando campainha e correndo depois, jogando queimada e latão. **Na escola ninguém entendia como aquela menina conversadeira e travessa tirava notas tão boas.**

Minha mãe costuma dizer que sou diferente dos meus irmãos, que sempre fui. Diz que sou a mais “terrível”. Minha irmã mais velha diz que tudo que eu faço é maravilhoso, não importa o que seja. Que aprende muito comigo, que me admira e que na verdade **eu sou tudo o que a minha mãe queria ser e não foi**, talvez porque não pôde. Outra geração. Outros tempos. Na verdade, as decisões que ela tomou no percurso dela me possibilitaram viver **dores mais brandas**, permitiram que eu segurasse as **rédeas dos meus desejos**.

Hoje, sou mais vento que furacão, mas ainda guardo em mim tantos sonhos! No retrovisor da minha vida passa um filme lindo, com todo o enredo que uma boa história tem: amores, decepções, superações, vitórias, derrotas, surpresas, acidentes... E, desse jeitinho, por tudo isso, sou o que sou hoje. A Amanda que uns conhecem bem e outros estão conhecendo agora.

Na história de nossas vidas, uma coisa é certa: **alguns encontros são a chama que alimenta a brasa**. Eles reacendem em nós nossos sonhos mais íntimos, mostram novas possibilidades. Essa exposição da qual sou curadora e “curatelada” tem a potência de ser fruto de muitos encontros: íntimos, interpessoais e coletivos. Escrever sobre mim me trouxe **lembranças de carinho e pertencimento** a essa cidade que não tem quase ninguém da minha família sanguínea, mas que me deu tantos, **tantos laços fraternais**, dos quais eu, como canceriana que sou, não abro mão e levarei para todo o sempre.

Como disse Yoko Ono, em tradução livre: **“um sonho sonhado sozinho é um sonho. Um sonho sonhado junto é realidade.”**

Eu estou sempre **sonho em construção**, nunca sozinho, **sempre partilhado**.